

**Carta à Paróquia do Estoril
por ocasião do Ano Sacerdotal,
a realizar entre os dias
19 de Junho de 2009
e 19 de Junho de 2010**

**“Dar-vos-ei pastores segundo o meu
coração” (Jer 15, 3)**

Estoril, Junho de 2009

“Ai dos falsos pastores que dispersam e extraviam o rebanho das minhas pastagens (...). Pois assim fala o Senhor, Deus de Israel, aos pastores que apascentam o meu povo: «Dispersastes as minhas ovelhas, afugentastes-las e não vos ocupastes delas. Por isso, Eu vou ocupar-me de vós, pedir-vos contas do vosso mau procedimento (...). Reunirei o que restar das minhas ovelhas espalhadas pelas terras em que as exilei, e fá-las-ei voltar às suas pastagens, onde crescerão e se multiplicarão. Dar-lhes-ei pastores que as apascentarão, de sorte que não terão medo nem sobressalto e nenhuma delas se perderá” (Jer 23, 1-4).

Por isso mesmo, diante da situação concreta do Povo de Deus, Ele mesmo promete categoricamente: *“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração” (Jer 15, 3).*

Caros Irmãos, com este texto do Profeta Jeremias, começo uma Carta que dirijo a todos os paroquianos a breves dias de darmos início - em comunhão com toda a Igreja - ao Ano Santo Sacerdotal convocado pelo Papa Bento XVI, e que terá como tema de fundo «Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote».

Por ocasião dos 150 anos da morte do Santo Cura d’Ars, João Maria Vianney, Bento XVI decidiu, segundo comunicado divulgado pela Sala de Imprensa da Santa Sé, abrir este Ano presidindo a celebração das Vésperas, em 19 de Junho, solenidade do Santíssimo Coração de Jesus e Dia de santificação sacerdotal, na presença da relíquia do Santo Cura d’Ars trazida pelo Bispo de Belley-Ars. Bento XVI encerrará o Ano em 19 de Junho de 2010, participando de um “Encontro Mundial Sacerdotal” na Praça S. Pedro.

Esta feliz ocasião leva-me a escrever e a partilhar convosco, Comunidade do Estoril, algumas reflexões acerca do ministério e da vida sacerdotal, aspecto decisivo e fundamental para a vida da Igreja e, por isso mesmo, para todos e cada um de nós, «porção» desta mesma Igreja universal que peregrina aqui nestas terras do Estoril...

Vivemos uma «hora» extraordinária, específica, única até, da história da humanidade; são muitos, imensos até, aqueles que negam a fé, a existência de Deus, os Seus mistérios salvadores, a Igreja e a sua

capacidade de ser redentora da própria humanidade! São incontáveis, inclusive, os corações ditos crentes mas que se abstêm da consciência de pertença à Igreja e da fidelidade que essa mesma adesão pressupõe! Também não são raros os que afirmando a sua crença no sagrado e no divino, facilmente negam e renegam a dimensão comunitária da fé, a comunhão com a Igreja de Cristo e, conseqüentemente estão distantes da consciência salvadora e libertadora da Graça dos Sacramentos que Jesus Cristo confiou e entregou à Igreja como dispensadora desses mesmos dons de salvação e de capacidade de pertença, um dia, à eternidade!

Não é ainda assim tão reduzido o número daqueles que, afirmando-se cristãos, depressa e facilmente se «demitem» e «prescindem» da dimensão sacramental da fé e, por consequência, da beleza e do dom dos Sacramentos, o da Ordem, muito em particular!

É verdade que poderão ser muitas e diversificadas as razões e as causas para esta triste realidade eclesial e social! Talvez por isso mesmo, a ideia do Papa Bento XVI propor à Igreja inteira um «Ano Santo Sacerdotal» com o intuito claro e objectivo de ser uma oportunidade

excelente para a oração intensa e fecunda e para a redescoberta deste dom precioso que é o Sacramento da Ordem.

Quem sabe, o testemunho negativo de pastores, não seja causa primeira desse descrédito em que vive um grande número de homens e mulheres deste nosso tempo, a começar dentro das «fileiras» da própria Igreja!

“Sei que depois de eu partir, se hão-de introduzir entre vós lobos temíveis que não pouparão o rebanho e que, mesmo no meio de vós, se hão-de erguer homens de palavras perversas para arrastarem discípulos atrás de si. Estai, pois, vigilantes” (Act 20, 28-31).

Uma forte advertência do «Apóstolo das Gentes» que vislumbra já essa possibilidade da vivência negativa e escandalosa daqueles que têm a missão de pastorear mas que a «transfiguram» a ponto de se tornarem “lobos temíveis” do próprio rebanho!

E, nesta advertência, o simultâneo apelo à «vigilância» a fim de que jamais o povo de Deus se deixe transviar por caminhos inseguros, enganosos e contra evangélicos. E que melhor «vigilância» que a oração? Que melhor «segurança» que a atitude crente, orante,

confiada e abandonada pela Igreja e por aqueles que têm a missão de a pastorear?

Por essa razão, também, o «Ano Santo Sacerdotal» se apresentará como «Fidelidade de Cristo, fidelidade do Sacerdote»! Num apelo e desafio claro à experiência e vivência da fidelidade sacerdotal ao jeito da fidelidade de Jesus Cristo, verdadeiro e único Bom Pastor de toda a humanidade.

“Aquilo de que mais precisamos neste momento da história é de homens que, por meio de uma fé iluminada e vivida, tornem Deus credível neste mundo. O testemunho negativo de cristãos que falavam de Deus e viviam contra Ele ensombrou a imagem de Deus e abriu a porta à incredulidade.

Precisamos de homens que mantenham o olhar voltado para Deus e aí aprendam a verdadeira humanidade.

Temos necessidade de homens cujo intelecto seja iluminado pela luz de Deus e aos quais Deus abra o coração, de modo a que o seu intelecto possa falar ao intelecto dos outros e o seu coração possa abrir o coração

dos outros. Só através de homens tocados por Deus, Deus pode voltar para junto dos homens". Estas palavras foram escritas pelo actual Papa Bento XVI, umas semanas antes da sua eleição para o Pontificado. Palavras proferidas que se «aplicam» de modo muito especial aos sacerdotes de cada tempo.

É bastante claro o desafio proposto: a urgência de homens, de pastores, santos, "*tocados por Deus*", para que Deus possa retornar ao coração do mundo e ser a «alma» da Igreja. A necessidade de sacerdotes verdadeiramente iluminados pela Graça de Deus para que a sua própria vida e ministério sejam a «linguagem» pela qual o Bom Pastor fala em cada tempo a esta nossa humanidade!

Por isso mesmo, queridos paroquianos, vos escrevo esta Carta, a fim de que cada um de nós reaprenda a beleza deste Sacramento e se predisponha, desde já, à oração pessoal, familiar e comunitária, por esta causa derradeira à vida da Igreja e à vida do mundo. Desde já apelo a que sejamos uma Comunidade que deseja e vive intensa e apaixonadamente este «Ano Santo Sacerdotal».

Ofereço à vossa meditação um texto antiquíssimo da Igreja que aborda de forma bela e simples o «dom e o mistério» do Sacramento da Ordem:

“É certo que o sacerdócio se exerce na terra, mas podemos contá-lo entre as coisas celestes. E com muita razão. De facto, não foi um homem, nem um Anjo ou Arcanjo, nem qualquer outro poder criado que ordenou este mistério e fez com que homens ainda revestidos de carne pudessem exercer o ministério dos Anjos, mas o próprio Paráclito. Por isso, aquele que foi revestido do sacerdócio deve ser tão puro como se estivesse nos Céus, no meio dos poderes angélicos...

Queres ver, para passar a um outro assunto de admiração, a excelência deste rito sagrado? Representa-te Elias, à frente de uma multidão e a vítima estendida no altar, e o resto dos assistentes numa grande quietação e em silêncio absoluto, o Profeta a rezar sozinho, depois o fogo que desce de repente sobre a vítima. Tudo isto é admirável e nos enche de respeito. Contempla a seguir o que se realiza agora e verás que essas coisas, não são só admiráveis, mas também ultrapassam toda a impressão de assombro. De facto, aqui o sacerdote está de pé, não para fazer baixar fogo, mas o Espírito Santo, e

prolonga durante largo tempo a sua oração, não para que uma chama vinda do alto consumas as oferendas, mas para que desça a graça sobre a vítima, inflame por seu intermédio as almas de todos e as torne mais brilhantes do que a prata purificada...

Se pudéssemos imaginar a grandeza do homem ainda envolto em carne e sangue, ao qual é dado aproximar-se dessa natureza bem-aventurada e imortal, veríamos claramente a honra que a graça do Espírito concedeu aos sacerdotes. Na verdade, pelas mãos do sacerdote, não só se realizam esses mistérios, mas também outros que em nada lhes são inferiores, quer pela sua própria dignidade, quer em orem à nossa salvação. Com efeito, pessoas que ainda vivem na terra são encarregadas de administrar os tesouros do Céu, e receberam um poder que Deus nunca concedeu aos Anjos e aos Arcanjos (...). São eles [os sacerdotes] que nos geram espiritualmente, que nos dão à luz pelo baptismo. Por eles nos revestimos de Cristo, somos sepultados com o Filho de Deus e nos tornamos membros daquela bem-aventurada cabeça. Por isso os sacerdotes deveriam merecer-nos mais respeito que os magistrados e reis, e até seria justo tributar-lhes honra maior do que

aos nossos pais. Porque eles geraram-nos pelo sangue e pela vontade da carne, mas aqueles são os autores do nosso nascimento para Deus, da bem-aventurada regeneração, da verdadeira liberdade e da filiação divina pela graça...

Além das suas obras, que são um bom exemplo, o ministério sacerdotal não conhece outro método para curar que não seja o ensino da palavra. Só a palavra lhe serve de instrumento, de alimento, de ar sadio. A palavra é o remédio que ele administra, o fogo de que ele se serve para queimar, a espada com que ele corta, e não dispõe de mais nenhuma... Se este meio não surtir efeito, tudo o mais será vão... Por isso é tão importante prestar atenção a que a palavra de Cristo habite em nós com abundância...

O que é um sacerdote? Um homem de quem Deus fez seu embaixador junto do povo, junto do mundo inteiro, e que pede ao Todo-Poderoso que tenha piedade dos pecadores, tanto vivos como mortos... Encarregado dos interesses de toda a gente, pai de todos, o sacerdote aproxima-se de Deus para Lhe pedir o fim das guerras que destroem a terra, o restabelecimento da ordem, a paz, a prosperidade, o desaparecimento de todos os

*males... Dado que ele ora por todos os homens deve distinguir-se deles pelos seus méritos... Se pensarmos que o sacerdote é aquele que invoca o Espírito Santo, que celebra o tremendo sacrifício, que continuamente toca Deus com as suas mãos e que tem as chaves do Céu, diz-me onde poderemos colocar este homem?...Imagina como devem ser aquelas mãos que tocam as coisas santas, como deve ser aquela língua que pronuncia tais palavras e que alma pode haver mais pura e mais santa do que aquela que há-de receber tal Espírito? Os Anjos rodeiam o sacerdote; todo o santuário, e o espaço que envolve o altar, estão cheios de exércitos celestes, em honra d'Aquele que está sobre o altar..." (S. João Crisóstomo, *Do diálogo sobre o sacerdócio*, Livro III, 4-6.IV, 3.VI,4).*

Palavras, desejos, sentimentos, verdades de fé, que tão belamente transparecem no coração de S. João Crisóstomo; certezas que enobrecem a Igreja, os sacerdotes, e pelas quais havemos de rezar com tamanho entusiasmo, dedicação e fervor que se tornarão realidade abundante neste nosso tempo e nesta nossa tão amada Igreja...

“Todo o sumo sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus” (Heb 5, 1).

Este texto da Carta aos Hebreus afirma categoricamente a humanidade daquele que é chamado e consagrado para o serviço da Igreja e dos irmãos. O sacerdote é sempre alguém que vem do seio dos homens, que se predispõe ao seu serviço incondicional, imitando, dessa forma, Aquele a quem ama e serve com toda a sua vida. Com efeito, o Senhor *“chama sempre os seus sacerdotes a partir de determinados contextos humanos e eclesiais, com os quais estão inevitavelmente conotados e aos quais são mandados para o serviço do Evangelho de Cristo”* (João Paulo II, *Pastores dabo vobis*, nº. 5).

Homens de cada tempo, inseridos em culturas determinadas, «filhos» de contextos culturais diversificados, haverá sempre uma característica essencial de cada sacerdote que jamais se alterará se se quiser ser fiel ao mandato e ao sonho do «Senhor da Messe»: o padre de ontem, de hoje e de amanhã, deverá sempre assemelhar-se a Jesus Cristo, Servo e Mestre de toda a humanidade. Com efeito, aquele que é revestido do Sacramento da Ordem é, afinal, identificado de forma

definitiva com o Bom Pastor e, por conseguinte, toda a sua vida é destinada a perdurar, a reproduzir e a imitar Aquele que o chamou, o consagrou e o enviou para o meio dos homens, para o seio da Igreja, Corpo visível de Cristo pelos caminhos da História.

Verdade esta que, naturalmente, não pode esquecer ou descurar o facto de que a vida ministerial de cada sacerdote tem de se adaptar a cada época e a cada ambiente de vida e de cultura em que esse sacerdote exerce e vive o seu ministério ordenado. Com efeito, apesar de o sacerdote não ser do mundo, ele está perfeitamente inserido nesse mesmo mundo e por ele há-de dar a sua vida inteira, ao jeito d’Aquele a Quem tem por seu Mestre e seu Senhor.

O Padre é, verdadeiramente, *“servo de Cristo para ser, a partir dele, por Ele e com Ele, servo dos homens. O facto de ser ontologicamente assimilado a Cristo constitui o fundamento de ser ordenado para o serviço da comunidade e faz com que o sacerdote esteja ao serviço de todos. De facto, o dom admirável do celibato é iluminado e motivado pela assimilação à doação nupcial do Filho de Deus crucificado e ressuscitado na humanidade redimida e renovada”* (Congregação para o

Clero, *O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, nº. 5).

Percebe-se, portanto, que o ministério ordenado é serviço, é entrega, é doação, que são chamados alguns fiéis, a fim de serem servos, felizes e fecundos, de todos os outros, em autêntica caridade pastoral por meio do poder sagrado com que foi investido no dia da sua ordenação. Poderoso, tremendo e indizível dom do Alto que apenas se assimila na dimensão e na predisposição de «olhar» para essa realidade como mistério de amor de Deus em favor de todos os homens.

Um «dom e um mistério» que recai na fragilidade, pobreza e miséria de todos quantos são chamados, ungidos, consagrados e enviados. Uma graça divina que tem como primeiro, como «cume» de perfeição a verdadeira e autêntica santidade de vida, isto é, uma generosa e profunda identificação com o «estilo» de vida do Bom Pastor que veio para servir e não para ser servido!

“Sim, a missão primeira - a única verdadeiramente - do padre é tornar-se santo na tarefa de ajudar os homens seus irmãos a desejarem a sua própria santidade. Com efeito, é em função da vida eterna, da

*«vida em abundância» (Jo 10, 10) que Deus consagra e envia os padres para o seio da Igreja e do mundo. Só para vos ajudar a viver a vossa vida humana, não mereceria a pena o dom do sacerdócio (...). Não é para resolver os vossos problemas humanos, de todos os dias, - estes temos a obrigação de sermos capazes de os resolver com a coragem e com a força com que o Senhor não nos falta! Eles [os sacerdotes] são-vos enviados como mensageiros de um tempo novo; como protagonistas da Páscoa de Jesus; como aqueles que anunciam já que a plenitude dos tempos começou! A consagração sacerdotal que recebem não é por causa deles... É por causa do amor que Cristo tem ao seu Povo» (D. José Policarpo, *Homilia numa celebração de Ordenações*).*

Palavras do Pastor da nossa Diocese, actualíssimas, que reforçam a ideia e a verdade da fé de que cada sacerdote é, portanto, sinal e certeza de um mundo outro. De uma eternidade sonhada para cada homem, fruto dos desígnios amorosos e libertadores do nosso Deus. Cada Padre é, assim, anunciador de uma felicidade que jamais o mundo e a sua «lógica» poderão oferecer a cada coração humano. Simplesmente porque o

sacerdócio é sempre um dom de Deus. Por essa razão, o sacerdote, estando no mundo, não é nunca desse mesmo mundo! O ministério presbiteral com que cada sacerdote está marcado e revestido, projecta-o, necessariamente, para o Reino de Deus que já está no meio de nós. Advém daí, então, a responsabilidade de toda a Igreja diante do Sacramento da Ordem.

Na verdade, “ter padres ou não ter padres é responsabilidade diante de Deus e da história. Responsabilidade pelo respeito que devemos ter por eles; tratá-los como algo que Deus tocou... Como consagrados eles são coisa de Deus; como humanos, eles são frágeis como todas as criaturas” (D. José Policarpo...).

Sacerdotes, ministros do Senhor, ungidos pela Graça do Alto, mas sempre homens. Então, convençamo-nos, definitivamente, - toda a Igreja - que não, nunca, lhes poderemos exigir aquilo que eles não nos podem dar, não lhes podemos pedir aquilo para que não foram sonhados, não lhes podemos permitir que se «desviem» daquilo que é verdadeiramente essencial: serem verdadeiros testemunhos de Jesus Cristo no seio do mundo e da Igreja.

Com efeito, não raras vezes, por interesses meramente humanos, por critérios estritamente pessoais, por desejos «tipicamente espiritualistas», são pedidos aos sacerdotes trabalhos, palavras, opções e acções, que em nada dignificam nem honram a beleza e a santidade própria do sacerdócio ministerial!

O Padre é, acima de tudo, «outro Cristo», ou seja, pastor de todos sem excepção, em particular dos mais pobres, mais aflitos, mais desesperados, mais sós, mais desprovidos de esperança, de amor e de vida!

Exigir aos sacerdotes «privilégios» particulares em detrimento do todo que é o Povo de Deus, a Comunidade, será sempre uma ofensa e uma traição, um desvio e um engano à verdadeira missão e tarefa próprio daquele que é sacerdote de Cristo e da Igreja!

Por essa razão, há que limitar, ou melhor, eliminar, toda a tentação de pedir aos sacerdotes atitudes e comportamentos, critérios, prioridades e opções que amansam, sublinhem ou alimentem a mera mundanidade a que demasiadas vezes os querem reduzir!

Na verdade, é dever de toda a Igreja, de cada cristão, exigir e santidade dos seus sacerdotes - de todos os sacerdotes - ao contrário de facilitarem a possível e

eventual mediocridade da sua tão solene e sublime missão!

Os padres, todos eles, não são consagrados e enviados para serem tranquilizadores de consciências mesquinhas e epidérmicas, anestesiadas e elitistas! Cada sacerdote não é posse de ninguém - a não ser de Jesus Cristo! Daí que nenhum sacerdote possa ser visto - nem assim se deixe tratar - como «trunfo» ou «benesse», «posse» ou «privilégio» de quem quer que seja! Os Padres serão sempre trabalhadores de outra seara, anunciadores de um Reino que é de Deus, audazes e credíveis denunciadores de tudo quanto, na sociedade e na Igreja, possa ser ameaça à plenitude do Evangelho de Jesus Cristo.

Cada sacerdote, enviado sempre para o serviço da Comunidade crente, tem de ter a consciência de que, apesar desse mesmo envio, ele não tem a sua origem nessa mesma comunidade como se fosse ela que «chamasse» ou «delegasse». Sempre, mas sempre, cada sacerdote é dom, é pertença, é «posse» da Igreja na sua plenitude, na sua totalidade.

Tendo bem clara esta verdade fundamental do ministério ordenado, evitam-se erros e desvios não tão

raros na vida actual da Igreja. Quando não se percebe claramente a especificidade deste ministério, não é difícil alcançar-se a «secularização» dos ministros sagrados, ofuscando a beleza e especificidade da sua missão, absolutamente insubstituível para a bela, necessária e fecunda comunhão eclesial.

“O sacerdote, «alter Christus», é na Igreja o ministro das acções salvíficas essenciais. Pelo seu poder sacrificial sobre o Corpo e Sangue do Redentor, pelo seu poder de anunciar com autoridade o Evangelho, de vencer o mal do pecado, mediante o perdão sacramental, ele - «in persona Christis Capitis» - é a fonte desta vida espiritual, mas aquele que distribui a todo o povo de Deus. É o servo que, pela unção do Espírito, acede ao santuário sacramental: Cristo Crucificado (cf. Jo 19, 31-37) e Ressuscitado (cf. Jo 20, 20-23), de quem brota a salvação” (Congregação para o Clero..., nº. 8).

Isto significa que *“enquanto participante da acção directiva de Cristo Cabeça e Pastor sobre o seu Corpo, o sacerdote está especificamente habilitado para ser, no plano pastoral, «o homem da comunhão», da orientação e do serviço a todos”* (Congregação para o Clero..., nº. 9).

Serviço, entrega, disponibilidade, presença, apoio, estímulo, numa palavra, missão, destinada a todos os homens sem exceção, sem detrimento, de ser presença reconfortante e libertadora, em nome de Jesus Cristo, a qualquer coração, dor, anseio ou desespero.

O autêntico e verdadeiro ministério sacerdotal, essa vocação divina e sobrenatural, em todos os tempos, e neste que nos é dado viver em particular, diante de múltiplas e diversificadas pressões a que os sacerdotes estão sujeitos, exige clara e categoricamente que os padres desejem acima de tudo *“ser fonte de unidade e de doação fraterna a todos - especialmente aos mais necessitados - homens que reconheçam a sua identidade sacerdotal no Bom Pastor e que essa imagem seja vivida internamente e manifestada exteriormente, de maneira que todos possam percebê-la, seja onde for”* (Congregação para o Clero..., nº. 9).

Fácil será, pois, concluir, que não faz sentido algum exercer o ministério ordenado apenas em favor de alguns, estar disponível somente para uns quantos, exercer a especificidade do ministério para elites, grupos particulares, com que, mais ou menos, há identificação de

variadas formas, entre o sacerdote e os membros desses mesmos grupos ou elites!

A existir alguma predilecção, a experimentar-se alguma prioridade, a viver-se determinada opção, essa está, desde sempre - a começar no Evangelho e sempre dita no Magistério da Igreja - bem clara e explícita: os mais pobres, os mais necessitados, os mais desesperados!

Um «Ano Sacerdotal» para que toda a Igreja se deixe, sempre de novo, maravilhar, extasiar, agradecer, por tamanho dom que é esse do Sacramento da Ordem. Por essa razão recordo também aqui algumas palavras do saudoso Papa João Paulo II (que todos os anos desde o início do seu Pontificado escrevia uma Carta aos Sacerdotes em Quinta-Feira Santa): *“Diante desta extraordinária realidade [do dom do sacerdócio] ficamos atónitos e abismados: como é grande a humildade condescendente com que Deus Se quis ligar ao homem! Se nos detemos comovidos diante do Presépio contemplando a Encarnação do Verbo, como exprimir o que se sente diante do altar onde, através das pobres mãos do sacerdote, Cristo torna presente no tempo o seu*

Sacrifício? Só nos resta ajoelhar e em silêncio adorar este mistério supremo da fé” (João Paulo II, Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 2004, nº. 2).

Com efeito, é grande e poderoso este mistério que se esconde» na pobreza, singeleza e miséria de cada sacerdote! É digno de fé, de gratidão, de oração nunca acabada e suficiente, de êxtase e de espanto, tão solene e sublime dom confiado à Igreja até ao fim dos tempos para a salvação de toda a humanidade!

Sobre cada sacerdote, desde aquela primeira Quinta-Feira Santa, «recai» a promessa amorosa do Bom Pastor. Sobre cada sacerdote, e em cada um deles, «acontece» a maravilhosa salvação de Jesus Cristo. Com efeito, *“ao pronunciar aquelas palavras: «Fazei isto...», o seu pensamento estendia-se aos sucessores dos Apóstolos, àqueles que deveriam continuar a sua missão, distribuindo o Alimento da vida até aos confins do mundo. Assim, de certa forma (...) no Cenáculo também nós fomos escolhidos pessoalmente, um por um, com particular afecto, para receber das santas e veneráveis mãos do Senhor o Pão Eucarístico, a fim de o repartir como sustento do Povo de Deus peregrino pelas estradas*

do tempo rumo à Pátria eterna” (João Paulo II, Carta aos Sacerdotes..., nº. 3).

Temos, pois, todas as razões e motivos para sermos um povo, uma Igreja, reconhecida, agradecida, que com determinação e júbilo, com gozo e alegria, louva a bondade e a salvação de Deus oferecidas também através deste admirável Sacramento. Razões e motivos para, com veemência e perseverança, irmos deixando cair ideias e conceitos, conjecturas e preconceitos, sobre esses «homens possuídos por Deus». São mais, imensamente mais que «funcionários» do sagrado ou do religioso, que empregados do sobrenatural ou profissionais de espiritualidades que nos possam ser mais ou menos convenientes!

Cada sacerdote, no cumprimento e vivência fiel da sua vocação, actualiza e torna perene esse amor terno e eterno de Deus; ele «transporta» consigo esse dom indizível e até humanamente verdadeiramente inexplicável, que é poder oferecer-nos a eternidade na fugacidade da nossa peregrinação pelos caminhos de cada tempo.

Caros paroquianos, detenhamo-nos, um pouco que seja, nessa primeira Quinta-Feira Santa, nesse gesto inestimável e inaudito daquela «Última Ceia» e deixemo-nos maravilhar diante do mistério aí celebrado e acontecido...

Naquela noite santíssima, o Bom Pastor como que chamou pelo próprio nome cada um dos sacerdotes de cada tempo e de todos os tempos. Na verdade, *“o seu olhar fixou-se em cada um, olhar amoroso como aquele que se deteve em Simão e André, em Tiago e João, em Natanael quando estava debaixo da figueira, em Mateus sentado ao telónio. Jesus chamou-nos a nós e, por diversos caminhos, continua a chamar muitos outros para serem seus ministros”* (João Paulo II..., nº. 5).

Olhar amoroso, como lhe chamava o Papa! Um olhar amoroso, terno, grato, humilde, verdadeiro, que urge reaprendermos, como Comunidade, como Igreja, como Mundo, sobre os sacerdotes. Olhares de fé e de esperança, olhares de pertença e de colaboração, olhares de disponibilidade e de dedicação, àqueles que nos podem dar o Senhor e Autor da *“vida em abundância”* (Jo 10, 10). Olhares que engrandeçam e enobreçam a nossa fé e a nossa consciência eclesial; olhares de amor ao

mistério que se «esconde» na vida e na alma de cada um daqueles que receberam a sagrada Ordenação. Olhares que os vejam como homens que são, mas homens de Deus, ao serviço de todos os outros homens. Olhares que entendem, acolhem, aceitam, sustentam e amam, pois que são portadores de corações tão humanos quanto os corações dos demais humanos. Olhares que são perene e profunda acção de graças pelo «céu» que cada sacerdote ode partilhar aqui na terra com cada crente de cada tempo...

Sacerdotes de Jesus Cristo, sacerdotes da Igreja, sacerdotes para o serviço de todos os homens, que transportam um dom imenso numa humanidade pobre e frágil. E, por isso mesmo, ainda maior deve ser a nossa gratidão ao bom Deus que se quer servir da pobreza e fragilidade humanas para Se deixar encontrar com todos os corações de todos os tempos.

Na verdade, se a cada sacerdote é entregue e confiada tão maravilhosa e sublime missão, a nenhum deles é retirada a sua condição humana! É na pequenez e indignidade da condição humana de cada sacerdote que assenta a maravilha do dom do Sacerdócio! Podemos, de

facto, afirmar sempre sem hesitar: «Dom e Mistério» presente em cada sacerdote ordenado!

E também, alias, sobretudo por isso mesmo, entraremos brevemente no «Ano Sacerdotal». Essa oportunidade excelente e única de sermos uma Igreja que reza, que reza muito, pela santificação de todos os sacerdotes; uma Igreja que se prostra e adora o Bom Pastor pedindo-Lhe pela fidelidade daqueles que já chamou e associou à Sua missão redentora; uma Igreja que reza, que reza muito, para que na vida de cada sacerdote sobressaia, sobremaneira, a vitalidade e a graça do Sacramento que «o habita» bem mais que a fraqueza da sua pobre humanidade!

Queridos Irmãos, desafio-vos a fazer deste «Ano Sacerdotal» um forte e poderoso tempo de oração. A sermos, porção desta Igreja que Deus tanto ama e quer, uma Comunidade que se entrega desmesuradamente à oração de intercessão pelos sacerdotes. A sermos, como cristãos, como famílias, como grupos, como Paróquia, verdadeiros «escudos» e «retaguarda» da sempre nobre e sublime missão sacerdotal.

Escutemos, de novo, o Santo Padre João Paulo II: *“(...) é indispensável a nossa fidelidade pessoal. Conta, de facto, a nossa adesão a Cristo, o amor que nutrimos pela Eucaristia, o fervor com que a celebramos, a devoção com que a adoramos, o zelo com que a distribuímos aos irmãos (...)”* (João Paulo II..., nº. 5).

Na verdade, se algum dom especial se deve pedir para cada sacerdote é, necessariamente, a graça da fidelidade. A paixão pelo Senhor Jesus, vivida numa entrega sem medida à Igreja e numa total e absoluta colaboração com o Bispo Diocesano. A graça da fidelidade ao que «vale mais», ao mais profundo do mistério com que Cristo e a Igreja o investiu para o resto da sua vida...

Na verdade, não haverá pior testemunho na missão da Igreja e na tarefa da evangelização que sacerdotes mundanos, tíbios, medíocres, à mercê das vontades dos homens poderosos de cada tempo! Nada de mais prejudicial à Igreja que o contra testemunho dos ministros ordenados!

Não é verdade que, de forma permanente, a comunicação social nos «oferece» escândalos, traições,

pecados, dos homens que deveriam ser os primeiros santos em cada tempo?!

Não é verdade que nem sempre nos deparamos com pastores absolutamente entregues ao seu múnus pastoral de alma e coração, demasiadamente entretidos em garantir seguranças deste mundo e em detrimento da sua própria salvação e da daqueles que lhes foram confiados?!

Não é verdade que carecem santos sacerdotes neste nosso tempo, «fazedores» de outros santos, determinados em viver a radicalidade do Evangelho, sem medos nem vergonhas das consequências do mundo e da Igreja facilitistas que tanto prevalecem nesta «hora» do mundo?

Por isto, e por tanto mais que isto, meus queridos irmãos, temos de rezar. Temos de rezar muito. Para que cada sacerdote seja santo, enamorado, apaixonado de Cristo, como no dia da sua Ordenação. Rezar muito para que cada coração sacerdotal seja sempre mais e mais exemplo claro e eloquente do Coração misericordioso, manso e trespassado do Senhor Jesus.

“É verdade: na história do sacerdócio, como aliás na de todo o povo de Deus, também se percebe a

presença obscura do pecado. Muitas vezes a fragilidade humana dos ministros ofuscou neles a transparência da face de Cristo” (João Paulo II, Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 2000, nº. 6).

O pecado esconde, desfigura, obscurece e «enruga» o rosto do Senhor! Mais, muito mais, quando esse pecado provém da vida dos ministros sagrados! Além da causa de dor que são para o próprio Salvador, esse pecado provoca dor imensa, escândalo tremendo, na vida da Igreja e da sua missão! Por essa razão, o nosso dever de sermos uma Igreja orante, sempre mais, para que surjam aos «olhos do mundo» e da Igreja, pastores verdadeiramente santos, profundamente crentes no dom e na missão com que foram revestidos ontologicamente!

“Trazemos esse tesouro em vasos de barro, para que tão excelso poder se reconheça vir de Deus e não de nós” (2 Cor 4, 7).

Sim, é verdade de fé, expressa na Sagrada Escritura, que todos e cada um de nós, sacerdotes, tem sempre presente. Mas essas palavras de S. Paulo não podem, de todo, nunca ajudar-nos a menosprezar o chamamento à santidade. A nossa consciência de que

somos humanos «carregados» de um dom demasiadamente precioso apenas nos pode fazer desejar mais - e sempre mais - uma profunda identificação e comunhão com Aquele a Quem ousámos e decidimos entregar toda a nossa vida.

Daí que, queridos paroquianos, vos peça oração. Muita oração ao longo deste «Ano Sacerdotal». Para que eu, juntamente com todos os sacerdotes do mundo, reaprendamos a beleza do nosso sacerdócio, da nossa entrega, da nossa «aposta».

Peço a vossa oração quotidiana, eficaz, profunda, consciente e crescente, para que cada um de nós permaneça fiel à graça do Cenáculo, ao grande e imenso dom de Quinta-Feira Santa.

Peço que rezem fervorosamente por nós, sacerdotes de Jesus Cristo, para que celebremos sempre com amor e paixão a Santa Eucaristia. Para que nos detenhamos com frequência e determinação de coração em adoração diante de Cristo Eucarístico, que permanece em cada Sacrário da terra. Rezem para que todos os sacerdotes, como afirmava o Papa, se “*inscrevam na «escola» da Eucaristia*” (João Paulo II..., nº. 14).

Sim, meus irmãos, ao jeito de Moisés, no Antigo Testamento, sejam hoje vós, os cristãos que permanecem de braços - e corações - erguidos permanentemente aos Céus por todos os sacerdotes. A sua santidade é bem para toda a Igreja e, conseqüentemente, para todos e cada um de vós. Que nenhum de vós desanime, se instale, se deixe tomar pela rotina ou pela habitação, pela descrença ou pela dúvida, diante da não santidade dos vossos pastores.

Que as fragilidades, as traições, os pecados, dos sacerdotes, sejam apenas mais estímulo, mais razão, mais dedicação, à oração pela santificação de todos eles.

Sejam cristãos valentes na «arte» da oração pelos pastores ao longo de todo este ano.

Celebrem sempre que possível a Eucaristia e ofereçam-na pela santificação dos sacerdotes. A Eucaristia será sempre a mais bela e mais poderosa prece diante de Deus. Celebrá-la com fé, com dedicação, mesmo que isso implique algum - ou muito - esforço da vossa parte, sejam esses cristãos audazes e fortes que crêem que aquilo que mais nos custa mais nos une à Paixão do Redentor!

Com efeito, a Eucaristia é o verdadeiro manancial, o autêntico oásis de santidade, diante do deserto do pecado dos homens. Há que celebrá-la, vivê-la, encarná-la na nossa vida quotidiana e oferecê-la por essa nobre e urgente causa que é a santidade de todos os sacerdotes.

“Ao longo dos séculos, muitos sacerdotes encontraram nela [na Eucaristia] o conforto prometido por Jesus na noite da Última Ceia, o segredo para vencer a solidão, o apoio para suportar os seus sofrimentos, o alimento para retomar o caminho depois do desalento, a energia interior para confirmar a própria decisão de fidelidade” (João Paulo II..., nº. 14).

A Eucaristia celebrada e adorada seja, pois, a nossa força ao longo deste «Ano Sacerdotal». A fim de que jamais faltem na Igreja e no mundo «pastores segundo o Coração de Deus» (cf. Jer 3, 15).

Na verdade, toda a Igreja precisa de pastores santos, fiéis, seduzidos profunda e totalmente pela perene novidade de Jesus Cristo e da Sua Palavra. Nenhuma Comunidade cristã vive - nem sequer sobrevive - sem a santidade dos pastores. Realidade que depende não apenas do próprio mas também, e sobretudo, pela força

da oração e da presença evangélica dos fiéis junto de cada sacerdote.

“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração” (Jer 3, 15) é promessa que vem do Alto, é certo. Mas que não pode nem consegue prescindir da prece crente e abandonada de Comunidade que quer e deseja ser guiada pelos caminhos do Evangelho.

Rezar para que todos e cada um dos sacerdotes o sejam ao jeito e à maneira do coração do Bom Pastor; rezar para que todos eles sejam fiéis depositários do dom que lhes foi confiado; rezar para que sempre busquem acima de tudo o Reino de Deus e a sua glória mais que qualquer outra honra, glória ou poder meramente terrenos; rezar para que cada sacerdote se sinta feliz e realizado na vocação a que Deus o chamou, consagrou e enviou...

Eis a nossa tarefa, o nosso caminho, a partir do próximo dia 19 de Junho deste ano, Solenidade do Coração de Jesus. Em comunhão com o Sucessor de Pedro, em comunhão com o nosso Patriarca, Pastor desta Diocese, em comunhão com todos os sacerdotes, iniciemos este «Ano Sacerdotal» com a vontade firme e a consciência determinada de, em cada dia, consagrarmos,

entregarmos e oferecermos todos os sacerdotes ao Sagrado Coração de Jesus...

Depressa florescerá a beleza da Igreja que somos; depressa sentiremos os efeitos da nossa oração, no mistério da comunhão dos Santos; depressa recrudescerão novas vocações sacerdotais na Igreja; depressa redescobriremos a paz e a beleza da nossa comum condição e vocação de batizados.

Queridos paroquianos, razão primeira e única da minha vida e do meu ministério, «pais, mães, irmãos, bens, terras» do meu coração, entrego-me de alma e coração à oração de cada um de vós.

Confio-me profunda e totalmente à oração do vosso bondoso e generoso coração: façam de mim um padre santo, um sacerdote como Deus sonhou e quer, como a Igreja precisa...

Termino, meus irmãos e meus amigos, partilhando convosco uma oração que poderíamos assumir como nossa, pessoal, familiar e comunitária, ao longo deste «Ano Sacerdotal», pondo nos nossos lábios e nos nossos corações as palavras do Santo Cura d’Ars, S. João Maria

Vianney, o Santo que dá «sentido» a este mesmo «Ano Sacerdotal» proposto pelo Papa Bento XVI:

«Amo-vos, ó meu Deus, e o meu único desejo é amar-vos até ao último suspiro da minha vida.

Amo-vos, ó Deus infinitamente amável e prefiro morrer amando-vos do que viver um só instante sem vos amar.

Amo-vos, ó meu Deus, e não desejo o céu a não ser para ter a alegria de amar-vos perfeitamente.

Amo-vos, ó meu Deus, e temo o inferno porque lá nunca haverá a doce consolação de vos amar.

Ó meu Deus, embora a minha língua não possa dizer a cada momento que vos amo, quero, pelo menos, que o meu coração vo-lo repita a cada palpitar. Faz-me a Graça de sofrer amando-vos, de vos amar sofrendo e de, um dia, expirar amando-vos e sentindo que vos amo. E quanto mais me aproximo do meu fim, mais vos imploro que aumenteis o meu amor e o aperfeiçoeis».